



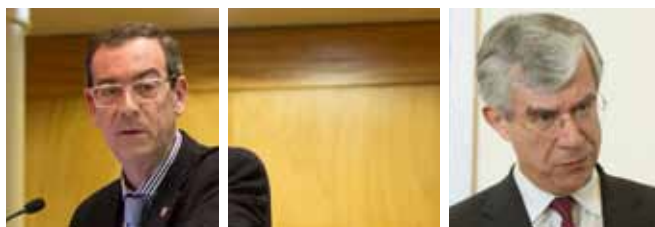
ERRO MÉDICO

Formação e humanização são a chave da prevenção

Erro Médico foi o tema da Reunião Nacional da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, onde o presidente do CRNOM participou num painel sobre “Prevenir o erro”, enquadrando o papel da Ordem dos Médicos na sua prevenção e deixando pistas sobre o que entende ser essencial para diminuir o número de queixas.

Cerca de uma centena de pessoas respondeu ao convite da Associação de Médicos Católicos Portugueses (AMCP) para debater o “Erro Médico” na sua Reunião Nacional, realizada a 12 de março no Centro de Cultura e Congressos da SRNOM. O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos esteve representado na pessoa do seu presidente, Miguel Guimarães, que integrou um painel moderado por Paulo Maia sobre “Prevenir o erro”, juntamente com o engenheiro António Adão da Fonseca, Ana Azevedo, epidemiologista do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto e docente na Faculdade de Medicina, e João Sarmento Pimentel, vogal da AMCP.

Ana Azevedo teve a palavra para a primeira intervenção e centrou-se “no ensino pré-graduado”, ainda que com directrizes extensíveis “às várias etapas da formação”. Para tal apoiou-se no

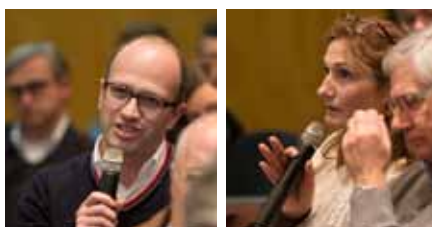
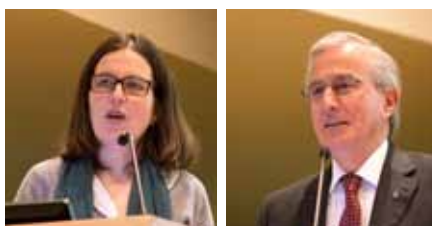


“Muitas intervenções têm potenciais efeitos não pretendidos”

ANA AZEVEDO

“O erro em Saúde tem custos muito elevados”

MIGUEL GUIMARÃES



pensamento de David Sackett para afirmar que o erro médico é a “incapacidade de estabelecer um bom plano para o doente” e depois “implementá-lo adequadamente”, frisando que, no entanto, “muitas intervenções têm potenciais efeitos não pretendidos” e que a qualidade é determinante nestas situações. Argumentou assim que a chave para prevenir o erro é “prepararmos bons médicos” e implementar “uma cultura de segurança” que monitorize indicadores.

O presidente da SRNOM considerou que a colega de mesa “lançou pistas interessantes”, considerando a formação “absolutamente fundamental” neste aspecto. Passou então a desenvolver a questão do “erro em Saúde” e responsabilidade do médico, salientando que nos dias que correm o contexto é desfavorável, com “turnos excessivos e enorme pressão”. Também o tempo estipulado está, a seu ver, “a causar uma perturbação muito grande na relação médico-doente”, defendendo que “uma boa comunicação com o doente elimina à partida” muitas das eventuais queixas. “Temos de fazer tudo para minimizar estes erros”, enfatizou. Acerca do “papel da Ordem dos Médicos na prevenção do erro”, sublinhou que esta deve proporcionar aos seus associados toda a informação necessária para que estejam cientes do “estado da arte” e “actuem de acordo com as boas práticas”. Alertou, no entanto, que “as pessoas não estão a notificar os erros” no Sistema Nacional de Notificação de Incidentes e Eventos Adversos e que a “Ordem está a desenvolver um mecanismo semelhante”. O presidente do CRNOM elucidou também que este é um tema frequentemente em cima da mesa porque “o erro em Saúde tem custos muito elevados” para o SNS, doente, famílias, etc., recordando a importância de a Ordem apostar mais na formação médica contínua, dando “um passo em frente nessa área”. Para finalizar lembrou que “a maior parte dos erros são evitáveis”, relevando o imperativo de humanizar a Medicina e a importância do papel educativo nesta área.

João Sarmento Pimentel introduziu o último palestrante, António Adão da Fonseca, que equiparou a Medicina à Engenharia de Estruturas, afirmando

que “prevenir erros é identificá-los e ser idealista”, dissecando este mote na sua exposição. Na sua óptica, “identificar é fundamental”, assim como “aceitar que existem erros”. “Planear é antecipar”, defendeu, referindo ainda, antes de abrir a discussão à assistência, que “Deus não comete erros porque é idealista e perfeccionista”. ■